

# DE UJAMAA À CLASS STRUGGLE: O CONCEITO DE “SOCIALISMO” EM DISPUTA NA ÁFRICA PÓS-COLONIAL

Pedro Oliveira Barbosa\*

## RESUMO

O pensamento socialista exerceu grande influência no continente africano durante o período das descolonizações, se colocando como contraponto ideal ao capitalismo que predominava nas potências coloniais. A questão posta, entretanto, era “qual socialismo?”, visto que as diversas lideranças políticas africanas daquele momento colocavam esse conceito em disputa, teorizando sobre qual seria o “modelo socialista” ideal para o contexto africano. Entre essas lideranças estavam o tanzaniano Julius Nyerere e o ganense Kwame Nkrumah. Através dos livros *Ujamaa – Essayson Socialism*, publicado em 1968 pelo primeiro, e *Class Struggle in Africa*, publicado em 1970 pelo segundo, eles foram representativos de um momento desse debate. Enquanto Nyerere utilizou-se de seu livro para lançar um projeto socialista em seu país que buscava negar o marxismo-leninismo e se fundamentava nas sociedades tradicionais africanas, Nkrumah apelava justamente para uma grande revolução socialista internacional, fundamentada no modelo marxista de “luta de classes”, como resposta ao Golpe de Estado que havia sofrido em 1966.

**Palavras-chave:** Socialismo Africano; Julius Nyerere; KwameNkrumah; Pensamento Político; Pensamento Socialista

## ABSTRACT

Socialist thought exerted great influence on the African continent during the period of decolonization, placing itself as an ideal counterpoint to the capitalism that predominated in the colonial powers. The question posed, however, was “which socialism?”, once the various African political leaders of that moment put this concept in dispute, theorizing about what would be the ideal “socialist model” for the African context. Among those leaders were Tanzanian Julius Nyerere and Ghanaian Kwame Nkrumah. Through the books *Ujamaa – Essays on Socialism*, published in 1968 by the former, and *Class Struggle in Africa*, published in 1970 by the latter, they were representative of a moment of this debate. While Nyerere used his book to launch a socialist project in his country that sought to deny

---

\* Doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Email: peolba@gmail.com

Marxism-Leninism and was grounded in traditional African societies, Nkrumah appealed precisely to a major international socialist revolution based on the Marxist model of “class struggle” in response to the coup d’état that had suffered in 1966.

**Key-words:** African Socialism; Julius Nyerere; Kwame Nkrumah; Political Thought; Socialist Thought

## 1) Introdução

As reflexões aqui propostas têm como ponto de partida o período das descolonizações no continente africano. A partir do final da Segunda Guerra Mundial (1945), quando foi criada a Organização das Nações Unidas (ONU), o ambiente para as lutas pela descolonização dos povos tornou-se favorável. Junto a isso, também em 1945 aconteceu em Manchester (Inglaterra) o V Congresso Pan-Africano<sup>1</sup>, reunindo diversos intelectuais e ativistas políticos da África e da diáspora<sup>2</sup>, que a partir de então passaram a organizar-se em prol de movimentos pelo fim do colonialismo no continente.

A década seguinte foi marcada, portanto, pelas conquistas desses movimentos. Alguns acontecimentos simbólicos, como a Revolução Egípcia (1952), à eclosão da Guerra de Independência da Argélia (1954), a independência da Costa do Ouro, que tornou-se Gana (1957), e a Conferência dos Povos Africanos (*All African People’s Conference* – 1958), que aconteceu em Accra (Gana), desencadearam um processo de construção de autonomia política que atingiu a maior parte do continente<sup>3</sup>. Só em 1960, considerado

---

<sup>1</sup> O pan-africanismo é um movimento que surgiu no final do século XIX nos Estados Unidos e no Caribe protagonizado por negros da diáspora africana que, naquele momento, buscaram combater as desigualdades raciais e promover a união entre os negros do mundo. Em 1945, o V Congresso Pan-Africano, promoveu o encontro entre figuras como o ganense Kwame Nkrumah e o congolês Patrice Lumumba, servindo como uma espécie de “pontapé inicial” para as reivindicações massivas de independência política no continente africano ocorridas na década seguinte.

<sup>2</sup> Por “diáspora africana” entende-se aqui algo mais do que o simples êxodo ou deslocamento de populações africanas para outros continentes, mas leva-se em conta o “trânsito” que esse processo acarreta nas sociedades contemporâneas, quando as ideias e identidades das populações negras do mundo dialogam entre si. Tal processo é muito bem demonstrado por Paul Gilroy em “O Atlântico Negro” (2001).

<sup>3</sup> Os diversos eventos aqui citados, bem como outros relevantes que compuseram o mesmo período no continente africano, precisam ser analisados individualmente em toda a sua complexidade e múltiplas significações para que se possa de fato compreender esse contexto. Aqui, entretanto, eles estão sendo citados apenas à título de exemplos para expressar a onda de mudanças que marcou a década de 1950 no continente, e por isso não serão melhor desenvolvidos.

o “Ano da África” pela ONU, 17 novos países foram descolonizados. Assim sendo, é natural que a partir de então as lideranças políticas, conforme afirmou o queniano Tom Mboya, estivessem imersas “em uma transição massiva, na qual nós buscávamos novas identidades no nível pessoal, nacional e internacional” (MBOYA, 1964 *apud* WINGO, 2018, p. 2, t. n.). O que se observa nesse período, posto isso, é um amplo debate entre esses líderes em busca de uma definição da identidade africana.

Conforme observa Graça (2005), o discurso marxista exerceu ampla influência sobre essas discussões. Enquanto o líder ganense Kwame Nkrumah publicou ainda em 1947 um manifesto intitulado *Towards Colonial Freedom*, diretamente inspirado em *O Imperialismo, Estágio Supremo do Capitalismo*, de Lênin, o influente artista martiniquense Aimé Césaire publicou em 1955 o *Discurso sobre o Colonialismo*, que aponta explicitamente a URSS como modelo a ser seguido, enquanto os Estados Unidos seria o modelo a ser rejeitado. Isso está relacionado com o próprio contexto daquele período, quando o capitalismo era associado as forças coloniais, de modo que sua prática em África era vista como “neocolonial”. O socialismo, relacionado a países como URSS e China, se mostrava então a alternativa antagônica que se tornava predominante.

A questão posta, entretanto, é “qual socialismo?”. Enquanto algumas perspectivas, como a via do partido único e o combate ao imperialismo, foram amplamente adotadas pelas lideranças da África recém-independente, outras tantas estabelecidas no modelo soviético, como a premissa do ateísmo e a obrigatoriedade de uma luta de classes entre burguesia e proletariado, foram contestadas por elas, uma vez que não seriam adequados a realidade histórica africana.

Desta forma, o que se percebe nos discursos políticos desse período é a busca por encontrar um modelo de socialismo adequado ao contexto africano. A liderança senegalesa na época, Léopold Senghor, por exemplo, buscou conciliar o método do que chamava de “socialismo europeu” com a prática tradicional de “teocracia democrática” que seria milenar no continente (GRAÇA, 2005, p. 81):

Tentou desenvolver um sincretismo político-cultural, uma forma não nova mas renovada, no seu entender, de *socialismo africano*, que adoptasse somente o método (entenda-se científico, da organização política, econômica e social) daquilo a que chamava de *socialismo europeu* (pensando no marxismo), partindo do pressuposto que o socialismo democrático africano era um facto histórico milenar sob o regime que designava como *teocracia democrática*.

Assim como ele, outros líderes africanos do período das descolonizações, com propostas diversas entre si, definiram o que entendiam por socialismo naquele contexto. Essas alternativas variam desde o *pan-arabismo* liderado pelo egípcio Gamal Nasser, ao *humanismo africano* teorizado pelo zambiano Kenneth Kaunda; do socialismo quase-ortodoxo do guineense Sékou Touré, ao quase-capitalista de Tom Mboya; do *socialismo tradicionalista* do ugandense Milton Obote, ao *socialismo-científico* do maliense Modibo Keita. Essas múltiplas possibilidades estavam em constante diálogo e conflito nos ambientes de debate africanos entre as décadas de 1950 e 1970, tendo repercussão na Organização da Unidade Africana (OUA)<sup>4</sup>, nos movimentos de libertação das regiões que ainda não haviam conquistado sua independência, e nos próprios projetos de construção nacional que eram postos em prática nas mais diversas regiões africanas àquele tempo.

Segundo salienta Wingo (2018), “trabalho duro”, “espiritualidade” e “auto sacrifício”, observados como pilares das sociedades africanas tradicionais, foram princípios éticos que serviram de base para essas diferentes abordagens. Todos tentaram teorizar, a partir de um viés por vezes mais, por vezes menos subordinado à teoria marxista, sobre o que seria o socialismo na realidade africana.

O presente artigo busca então se inserir nessa discussão a partir de dois livros de lideranças políticas africanas do período: *Ujamaa – Essayson Socialism* (1968), um compilado de discursos “socialistas” proferidos pelo presidente tanzaniano Julius Nyerere, prefaciado e organizado pelo próprio; e *Class Struggle in Africa* (1970)<sup>5</sup>, do primeiro presidente de Gana, Kwame Nkrumah, que àquela altura vivia exilado na Guiné-Conakry, após sofrer um golpe de estado em 1966.

A escolha desses livros se dá por dois motivos: primeiramente, devido a relação que Julius Nyerere e Kwame Nkrumah estabeleceram um com o outro. Por um lado,

---

<sup>4</sup> A Organização da Unidade Africana, fundada em 1963 em Addis Abeba (Etiópia), reuniu as lideranças de 32 países africanos que já haviam sido descolonizados naquele contexto. Eles tinham entre seus objetivos promover uma Unidade Africana (projeto que vai variar de acordo com cada autoridade), apoiar a independências dos países que ainda viviam sob regime colonial, e combater os regimes de minoria racial no continente.

<sup>5</sup> Para a presente pesquisa a edição acessada desse livro, intitulada *A Luta de Classes em África*, trata-se de uma tradução da editora portuguesa Livraria Sá da Costa, publicada em 1975 e traduzida por Maria Nazará Campos.

eles possuíam papel de liderança a nível continental em pautas comuns, como na iniciativa de criar uma Unidade Africana<sup>6</sup> e no amplo apoio que exerciam aos movimentos de libertação na África. Não é à toa que tenham sido, além de bons amigos, parceiros no protagonismo da criação da OUA. Por outro lado, além de amplas diferenças em suas abordagens socialistas (que serão analisadas posteriormente), eles rivalizaram em algumas posições dentro da organização, sendo Nkrumah o principal promotor da criação de uma unidade política imediata, enquanto Nyerere encabeçava uma abordagem mais gradual desse processo.

Além disso, esses livros também foram escolhidos por se mostrarem extremamente representativos de um momento do debate quanto ao conceito de “socialismo” entre os dois. Conforme se demonstrará adiante, o livro de Nyerere foi publicado primeiramente fazendo extensas críticas a uma abordagem marxista do socialismo em África. Posteriormente, o livro de Nkrumah não apenas se apoia na teoria marxista para promover uma revolução socialista no continente, como também teceu duras críticas à teoria do primeiro. Dito isso, eles se mostram claramente em debate nesses livros, colocando o conceito de “socialismo” em disputa. A partir de uma análise dessas obras será possível então compreender um importante momento desse debate africano quanto ao socialismo.

Essa análise do pensamento político<sup>7</sup> presente nessas obras será dividida então em duas partes: primeiramente, busca

---

<sup>6</sup> Eles foram as duas lideranças que buscaram promover uma Unidade Africana política de maneira mais prática. Nkrumah tentou estabelecer uma unidade regional de Gana com Mali e Guiné-Conakry, além de defender uma união imediata de todos os países africanos na OUA. Já Nyerere tentou promover a união da Tanganyka com Kenya e Uganda no início dos anos 1960, e em 1964 foi bem-sucedido ao promover a união entre Tanganyka e Zanzibar, formando o Estado da Tanzânia, que permanece unificado até os dias atuais. Na OUA, entretanto, ele tentou promover uma unidade muito mais gradual do que aquela vislumbrada por Nkrumah.

<sup>7</sup> Ao falar-se aqui de “pensamento político” se está partindo dos diálogos teórico-metodológicos estabelecidos pela chamada *Escola de Cambridge*, ou *História do Discurso Político* com a *Begriffsgeschichte*, ou *História Conceitual Alemã*. Conforme já demonstrado por Júnior e Jasmin (2006), Pocock (2006) e Koselleck (2006), é possível observar alguns pontos convergentes entre essas abordagens históricas que enriquecem o estudo da história do pensamento político. O processo consiste em observar a história como “um diagrama de tecido, urdido e trama [...], no qual a parte dos fios horizontais é composta pelas linguagens ou discursos sincronicamente existentes, e aquela dos fios verticais pela história dos conceitos individuais” (POCOCK, 2006, p. 86). Assim, parte-se aqui do *contexto linguístico* em que os livros estão inseridos, mas sem ignorar um olhar sobre determinados conceitos de maneira transversal, utilizando-se das categorias “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas” cunhadas por Koselleck.

se apresentar o contexto de escrita delas. Entende-se aqui, observando Nkrumah e Nyerere como agentes políticos de seu tempo, que esses livros são *Atos de Fala*<sup>8</sup>, e por isso devem ser observados como ação e reação dos autores ao contexto no qual estavam inseridos. Portanto, é só a partir de uma cuidadosa apresentação do contexto que se pode observar as obras. Em um segundo momento, se interpretará então diretamente os dois livros, buscando compreender especialmente como o conceito de “socialismo” é mobilizado em cada um deles, e como a teoria de um aparece em relação a do outro. Por fim, nas considerações finais, se realizará uma reflexão sobre esse conceito, agora sob a luz das observações realizadas, iluminando então suas novas abordagens.

## 2) Duas experiências, duas expectativas

Nos primeiros anos da década de 1960 as perspectivas políticas para as principais lideranças africanas poderiam ser apontadas como positivas. Após o pontapé inicial de Kwame Nkrumah, que havia declarado a independência de Gana em 1957, a maior parte do continente já havia sido descolonizada, incluindo a região da Tanganyka, que em 1961 passou a ser governada por Julius Nyerere. A fundação da Organização da Unidade Africana (1963) se mostrava então um passo fundamental em direção a descolonização das regiões ainda sob domínio estrangeiro e à Unidade Africana, que, a partir de diferentes perspectivas e debates fervorosos, era discutida em seu interior. Se, por um lado, eventos como a *Crise do Congo* (1960-1966)<sup>9</sup>, a *Guerra do Vietnã* (1959-1975), a *Crise dos Mísseis* (1962) e o assassinato do presidente norte-americano John F. Kennedy (1963) esquentavam o clima da *Guerra Fria* naquele contexto, por outro os países africanos, alegando um “não-alinhamento” para se colocar à margem dessas tensões, se viam em meio a um processo de libertação continental que criava expectativas positivas, no contrapé de suas experiências traumáticas.

---

<sup>8</sup> A Teoria dos *Atos de Fala*, do filósofo britânico J. L. Austin (1962), também influente para os apontamentos teórico-metodológicos da chamada *Escola de Cambridge*, observa os discursos como *atos*, ou seja, como ação dentro de um contexto específico, que busca causar um efeito, e que, portanto, precisa ser analisado a partir disso.

<sup>9</sup> Entre 1960 e 1966, após a independência perante a Bélgica, a República Democrática do Congo passou por um período de enormes disputas políticas que envolveu tantos conflitos étnico-tribais quanto disputas ideológicas entre as potências da *Guerra Fria*. Se destaca entre os acontecimentos dessa crise o assassinato de Patrice Lumumba em 1961, que além de ser o primeiro-ministro àquele tempo foi um dos principais promotores da descolonização africana e um dos grandes influenciadores intelectuais de Kwame Nkrumah.

Já nesse momento, segundo demonstram Crouch (1987) e Biney (2011), existia uma retórica socialista nos discursos das duas lideranças políticas aqui trabalhadas. Conforme afirmado, ainda na década de 1940 Nkrumah havia se inspirado em Lênin para pensar a situação colonial em África, e essa retórica permeou seus escritos pelo menos desde então. No caso de Nyerere, esse discurso só foi assumido em 1962, quando a TANU (Tanganyika African National Union – partido do qual era liderança) publicou o panfleto *Ujamaa – The basis of African Socialism*. Entretanto, em um primeiro momento esse proferido “socialismo” se mostrava apenas como um apontamento filosófico para ambos, uma vez que os países que governavam mantiveram suas estruturas administrativas conforme o modelo colonial, sem grandes inovações econômicas ou políticas. No decorrer da década, todavia, ambos caminharam na direção da mudança.

No caso de Nyerere, conforme aponta Paul Bjerk (2017), essa mudança está relacionada a Revolução de Zanzibar. Até dezembro de 1963 a ilha de Zanzibar (que se localiza na costa da Tanganyika) era ainda uma posse colonial britânica governada pelo Sultão Muhammad Hamadi. Com a saída negociada do império britânico na região, o sultanato, que permanecia sendo visto como um símbolo da dependência de Zanzibar, acabou não conseguindo se sustentar politicamente, sendo derrubado por grupos de populistas, socialistas e nacionalistas no início de 1964. Esses grupos se concentravam em torno do Partido Afro-Shirazi (ASP), liderado por Abeid Karume.

Os meses subsequentes a esses acontecimentos foram marcados pelo intenso interesse que a região atraiu das principais potências da *Guerra Fria*: Estados Unidos, União Soviética e China. Como forma de estabilizar sua autonomia política e evitar que essas potências assumissem o controle de Zanzibar, Karume e Nyerere entraram em acordo em 23 de Abril de 1964, anunciando a formação da República Unida da Tanzânia, que unia os dois territórios. Esse acordo foi realizado aos moldes da união entre Irlanda do Norte e Grã-Bretanha, dando status de região semiautônoma ao Zanzibar, e colocando Karume em seu governo. Nyerere, por sua vez, tornou-se o Presidente da República Unida da Tanzânia (BJERK, 2017, p. 70, t. n.):

A criação da Tanzânia não era a favor de nenhum dos poderes da Guerra Fria, mas um movimento para manter esses conflitos fora do Leste Africano. Nyerere poderia dizer ao embaixador americano que ele tinha “contido a podridão” em Zanzibar, bloqueando a infiltração comunista, ainda que a influência socialista só tenha crescido no governo da Tanzânia. Nyerere respeitava o intelectual radical

do Zanzibar Abdulrahman Babu e sentiu que “Babu possuía as ideias necessárias para fazer as reformas sociais”, ainda que ele se preocupasse com o seu desejo de uma revolução comunista mais dogmática que a que Nyerere imaginava.

Se, por um lado, Nyerere continuou afirmando seu não-alinhamento, mantendo-se alheio aos conflitos da *Guerra Fria*, por outro, nesse momento o socialismo deixou de ser uma mera questão filosófica e passou a ingressar cada vez mais nas políticas do país, representando as primeiras mudanças estruturais promovidas desde a independência. Cunhado sob a palavra *Ujamaa*, que significa “família” ou “irmandade” em Swahili (língua oficial da Tanzânia), o socialismo era colocado como um conceito contrário tanto ao capitalismo ocidental quanto ao marxismo ortodoxo soviético. “Combinava aspectos dos costumes rurais africanos, da filosofia utilitarista e do socialismo. *Ujamaa* passou a significar a teoria idiossincrática própria de Nyerere de ‘Socialismo Africano’” (BJERK, 2017, p. 75, t. n.).

Politicamente falando, isso esteve relacionado a um medo crescente de intervenção estrangeira, vinda especialmente dos países ocidentais, que observavam de maneira atenta a Tanzânia desde a unificação. “O envolvimento dos EUA no Congo em 1964, suas operações militares na República Dominicana em 1965, e a intervenção militar no Vietnã parecem ter confirmado o medo das lideranças tanzanianas de que os EUA não teriam nenhuma compunção em intervir ao redor do mundo para promover e salvaguardar seus interesses” (CROUCH, 1987, p. 33, t. n.). Esse medo quanto a sua soberania fez com que Nyerere tomasse atitudes cada vez mais autoritárias: acelerou a estabilização de um governo de partido-único; infiltrou seu pessoal no exército e nas indústrias estatais; e trouxe os sindicatos, movimentos juvenis e denominações regionais para uma aliança com o partido.

Em termos econômicos, entretanto, ele ainda sofria de uma grande dependência das potências ocidentais. Crouch (1987) afirma que até esse ponto o país ainda seguia as diretrizes estabelecidas pela Inglaterra, pelo Banco Mundial e outros agentes capitalistas. Apesar de isso representar um razoável crescimento do país desde a independência, pouco significou para a melhora de vida da população, incomodando Nyerere cada vez mais. Não obstante, desde a Revolução do Zanzibara Tanzânia passou a perder uma série de doações vindas do ocidente, cessando o apoio militar da Alemanha Ocidental (como retaliação por uma abertura de embaixada da Alemanha Oriental em Zanzibar) e rompendo

relações com a Inglaterra em 1965, como protesto por sua política na Rodésia do Sul<sup>10</sup>. Novas alternativas eram necessárias.

Essas alternativas passaram a se materializar a partir da viagem de Nyerere à China ainda em 1965. Além de voltar de lá com um acordo para que o país oriental construísse a estrada de ferro Tanzânia-Zâmbia, “Nyerere começou a vislumbrar um estado socialista aos moldes daquele construído pelo presidente Mao [...].No final de 1966 [...] ele propôs a nacionalização de indústrias e plantações comunais” (BJERK, 2017, p. 80-81, t. n.).

Foi então a partir desse contexto que em 5 de fevereiro de 1967, em um encontro do partido na cidade de Arusha, que Julius Nyerere enunciou seu mais famoso discurso, que ficou conhecido como *Arusha Declaration*. A partir dali o socialismo (ou *Ujamaa*), que ainda era apenas um norte no projeto de desenvolvimento do país, passou a ser sua palavra de ordem, e a Tanzânia começou a coordenar seus projetos de desenvolvimento segundo as palavras proferidas no discurso. Um ano depois, em 1968, era publicado o livro *Ujamaa – Essayson Socialism*, que reuniu discursos de Nyerere publicados/falados entre 1962 e 1968 que definiam sua teoria socialista. Seu objetivo era “tornar esse material acessível em uma forma conveniente para o uso dos líderes e educadores da nova Tanzânia” (NYERERE, 1967, p. viii, t. n.). Obviamente, a própria *Arusha Declaration* se encontra no livro.

Se, para Nyerere a publicação de seu livro em 1968 era acompanhada de uma grande expectativa perante as políticas futuras, para Nkrumah pode-se afirmar que o ressentimento quanto as experiências passadas esteve mais evidente no lançamento de seu livro em 1970.

No seu caso, as mudanças remetem ao ano de 1961, quando, segundo Biney (2011), “entre fevereiro e junho [...] Nkrumah fez vários discursos estabelecendo seu compromisso com o socialismo, antes de partir para um *tour* prolongado no mundo comunista em julho” (BINEY, 2011, p. 89, t. n.). Até então, conforme já afirmado no caso da Tanzânia, o país ainda mantinha suas estruturas

---

<sup>10</sup> A Rodésia do Sul compunha até 1964 a Federação Centro-Africana, um protetorado britânico, junto à Rodésia do Norte e à Niassilândia. Entretanto, nesse ano, a Rodésia do Norte negociou sua independência, tornando-se Zâmbia, enquanto a Niassilândia seguiu o mesmo rumo, tornando-se o Malawi. As lideranças brancas que governavam a Rodésia do Sul então, como forma de evitar uma transição democrática perante a Inglaterra e perder sua hegemonia na região, declararam sua independência de maneira unilateral em 1965, perpetuando um regime de minorias brancas. A Inglaterra, foi complacente com tal processo.

econômicas e políticas como no período colonial. A partir dessa viagem à União Soviética, Leste Europeu e China, entretanto, ele passou a sinalizar uma aproximação cada vez maior com esses países, e a propagar a ideologia *Nkrumahrista* em Gana, que se tratava basicamente do socialismo teorizado por Nkrumah.

Apesar de que naquele momento esse socialismo não significou um rompimento total com as forças ocidentais nem com as relações capitalistas, das quais o país ainda dependia muito economicamente, esse foi um período de clara pendência para um dos lados na “balança da *Guerra Fria*”. Isso levou a uma radicalização das relações entre governo e oposição em Gana. Os anos subsequentes foram marcados então por ações terroristas e tentativas de assassinato, por parte da oposição, e por prisões políticas e uma escalada autoritária, pelo lado do governo.

Birmingham (1998) aponta o ano de 1964 como o auge dessa radicalização, quando o governo declarou a via de partido-único no país para minimizar a ação da oposição organizada. Naquele momento “Gana se tornava uma ditadura de partido-único” (BIRMINGHAM, 1998, p. 79, t. n.). Além disso, uma grande crise econômica atingia o país, muito em virtude do baixo preço do cacau, seu principal produto de exportação. Ainda inspirado em sua viagem aos países socialistas, na qual ficou fascinado com os resultados de sua economia planificada, Nkrumah lançou o *Plano de Desenvolvimento em Sete Anos*, no qual vislumbrava uma grande virada econômica nos sete anos subsequentes baseado na crença de que “a economia de Gana poderia ser transformada através de uma ênfase na indústria como um foco modernizador. O Estado teria o papel principal na mobilização da indústria e no estabelecimento de fazendas estatais mecanizadas em grande escala; facilitaria a substituição de importações; e reduziria a dependência do capital estrangeiro” (BINEY, 2011, p. 110, t. n.). O que se percebe então é a tentativa de um “rompimento com a continuidade da política econômica e tomada de decisões pragmáticas que ele tinha herdado dos tempos de Escritório Colonial” (BIRMINGHAM, 1998, p. 70, t. n.).

Além dessa virada nas estruturas políticas e econômicas do país, esse momento também representou algumas mudanças em suas relações externas. Assim como Nyerere, ele também condenou a posição britânica quanto a crise na Rodésia do Sul, rompendo relações com o país em 1965. Também se viu desconfiado dos Estados Unidos devido a sua posição no Congo e afirmava que o país estaria “minando” suas intenções na OUA. Assim, no mesmo ano

publicou o livro *Neo-Colonialism*, que foi visto como uma afronta pelas autoridades americanas devido a seu tom “antiamericano”.

Não é de se surpreender então que em fevereiro de 1966, enquanto fazia uma simbólica viagem até o Vietnã para visitar o líder revolucionário Ho Chi Min, segundo documentos demonstrados por Mwakikagile (2015), que os Estados Unidos tenham conspirado junto à oposição, exército e polícia<sup>11</sup> de Gana para o Golpe de Estado que derrubou o primeiro presidente nacional: “quando ele tentou diminuir a dependência do país em relação ao Ocidente, fortalecendo laços militares e econômicos com a União Soviética, China e Alemanha Oriental, ele efetivamente selou seu destino” (BLUM *apud* MWALIKAGILE, 2015, s. p., t. n.). Segundo os documentos, o próprio presidente Lyndon Johnson dos Estados Unidos esteve envolvido no plano para sua derrubada.

Assim sendo, a trajetória de Nkrumah continuou no exílio na Guiné-Conakry, governada por Sekou Touré, um parceiro ideológico e político. Lá, segundo relato de Biney (2011), o pensamento do ganense passou por uma radicalização, rejeitando os conceitos de “não-alinhamento” e de “terceiro-mundo”, ainda que “ele considerasse o marxismo como uma ferramenta não dogmática aplicada a diferentes condições sociais e econômicas” (BINEY, 2011, p. 162, t. n.). Ele passou a defender efusivamente uma via revolucionária na África como única forma de combater o imperialismo, colonialismo e neocolonialismo que ainda assolavam o continente. Em seu livro *Handbook of Revolutionary Warfare*, publicado em 1968, apresentou uma espécie de guia para essas lutas, afirmando que “a luta revolucionária é a lógica, inevitável resposta para a situação política, econômica e social na África hoje. Nós não temos a luxúria de uma alternativa” (NKRUMAH *apud* BINEY, 2011, p. 164, t. n.).

Foi na sequência dessa radicalização de seu pensamento que ele publicou em 1970 o livro *Class Struggle in Africa*, onde não apenas defende a necessidade de uma revolução e de uma luta de classes para a construção de um socialismo científico no continente africano, como refutou completamente qualquer outra alternativa,

---

<sup>11</sup> Birgmingham (1998) afirma que algumas políticas de Nkrumah na área de segurança, como o *Ato de Detenção Preventiva* (1958) e a subversão na hierarquia militar, proposta quando o exército passou a ser treinado da União Soviética, levaram a uma insatisfação tanto de setores militares quanto policiais. Os conflitos com a oposição, que se intensificaram com a formação de um regime de partido-único, e com as potências ocidentais, representadas especialmente por Inglaterra e Estados Unidos, se somaram então a esses setores, levando ao Golpe de Estado de 1966.

inclusive o *socialismo africano* de Nyerere. Nesse livro, ele sistematiza de maneira mais extensa o pensamento socialista que tinha no fim da vida, visto que faleceu apenas dois anos depois devido às complicações de um câncer. Assim sendo, enquanto o livro do presidente da Tanzânia foi publicado em meio as expectativas futuras que a *Arusha Declaration* havia criado, o ganense se viu respondendo as experiências traumáticas que o tinham levado ao exílio. Uma análise mais cuidadosa desses dois livros, levando esse contexto em consideração, enriquece muito o olhar sobre seus pensamentos.

### 3) De Ujamaa à Class Struggle in Africa

O livro publicado por Julius Nyerere apenas um ano após sua *Arusha Declaration* reúne nove discursos do presidente tanzaniano datados entre 1962 e 1968. Sua alegação no prefácio, entretanto, de que o mesmo tem por objetivo servir como um guia para professores e líderes da *nova Tanzânia*, dá um novo fôlego para todos esses discursos, que são novamente ratificados nessa publicação e entendidos aqui como parte da mesma unidade. Nyerere aponta ao longo desses discursos quais são os valores que devem ser seguidos nesse novo país, quais políticas devem ser implantadas, quais setores devem ser priorizados e qual futuro deve ser buscado. Seu principal objetivo parece ser o de encontrar uma fórmula de socialismo que se diferencie do “socialismo europeu”, sendo mais adaptada à realidade tanzaniana e africana. No texto de abertura do livro afirma que (NYERERE, 1968, p. 11, t. n.):

O socialismo europeu nasceu da Revolução Agrária e da Revolução Industrial que seguiu ela. [...] Essas duas revoluções plantaram as sementes de um conflito dentro da sociedade, e o socialismo europeu não apenas nasceu desse conflito, como seus apóstolos santificam o conflito em si mesmo como uma filosofia. [...] O socialista europeu não consegue pensar em seu socialismo sem seu pai – o capitalismo! Nascido no socialismo tribal, eu devo dizer que eu acho essa contradição intolerável. Isso dá um status filosófico para o capitalismo que ele não reivindica e nem mesmo merece. [...] O socialismo africano, por outro lado, não tem o “benefício” da Revolução Agrária ou da Revolução Industrial. Ele não começa pela existência de “classes” em conflito na sociedade. Inclusive, eu duvido que a palavra equivalente para “classe” exista em qualquer língua tradicional africana.

Kwame Nkrumah, por outro lado, ao publicar *A Luta de Classes em África*, em 1970, analisa toda a realidade do continente africano através justamente da questão de classes que é negada aqui por Nyerere. Ele não apenas valida em seu texto essa questão no continente, como observa ela como o ponto central de toda a luta pela libertação que deve ser travada no futuro. A sua leitura da sociedade africana é justamente uma leitura de classes. Assim, já na introdução se contrapõe aqueles que a negam, afirmando que essa seria uma grande distorção (NKRUMAH, 1975, p. 8):

A luta de classes está no cerne do problema. Os comentadores políticos e sociais tiraram durante demasiado tempo conclusões erradas postulando que a África constituía uma entidade distinta, à qual não se aplicavam os critérios económicos e políticos válidos para o resto do Mundo. Espalham-se mitos tais como os do “socialismo africano” e do “socialismo pragmático”, sugerindo a existência de uma ou mais variedades de socialismo exclusivamente africano: e quanto à nossa história, escreveram-se teorias sócio-antropológicas e históricas, em termos que pareciam ignorar que a África teve um passado histórico pré-colonial. Uma destas distorções sugeria que a luta de classes, existente noutras partes do Mundo, não se verificava em África. Nada é mais longe da verdade. A África é actualmente o cenário duma violenta luta de classes.

Percebe-se então dois livros que caminham em direções opostas. Enquanto Nyerere busca consolidar um projeto de socialismo na Tanzânia completamente afastado da leitura marxista e europeia do conceito, Nkrumah se mostra recorrendo justamente a essa leitura para generalizar uma grande luta revolucionária que não seria exclusivamente africana, mas mundial. Claro que o ganense, uma vez que se propõe a pensar essa luta de classes na África, compreende algumas especificidades da questão de classe no continente, acrescentando categorias como as “autoridades tradicionais” e diferenciando a burguesia nacional da estrangeira. Entretanto, para ele, ainda seria o grande conflito entre burguesia e proletariado o motor da revolução socialista, que seria global, e não especificamente africana.

As diferenças não acabam por aí. Para o líder tanzaniano, o socialismo seria principalmente uma “atitude”. Ele subverte o próprio conceito de “modo de produção”<sup>12</sup>, central para o marxismo,

---

<sup>12</sup> Segundo o *Dicionário do Pensamento Marxista* (1988), o conceito de Karl Marx de “modo de produção” trata-se do “elemento central de uma explicação sistemática da história enquanto uma sucessão de diferentes modos de produção [...]”. Essa explicação,

afirmando que “a diferença básica entre uma sociedade socialista e uma sociedade capitalista não reside no seu modo de produção de riquezas, mas na forma como as riquezas são distribuídas” (NYERERE, 1968, p. 2, t. n.). Assim sendo, as sociedades tradicionais africanas já seriam, para ele, socialistas, uma vez que eram centradas no bem-estar e na igualdade de todos os seus indivíduos, e um regresso a elas seria desejável: “nós devemos, como eu disse, recuperar nossa antiga atitude de espírito – nosso tradicional socialismo africano – e aplicar nas novas sociedades que estamos construindo” (*ibid*, p. 8, t. n.).

Já para o líder ganense as relações de produção seriam o motor da mudança, que conduzem ao capitalismo e, posteriormente, ao socialismo. Segundo ele, no começo da era colonial a África estava em um estágio avançado do modo de produção comunitário (ou *comunismo primitivo*), que começava a ver o nascimento de relações feudais de produção, quando os europeus colonizadores chegaram e, através de um impulso imperialistas, impuseram seus mercados capitalistas para o continente. Seu modelo de evolução da sociedade, conforme o modelo clássico de socialismo-científico, é o seguinte (NKRUMAH, 1975, p. 13):

Conhecem-se cinco grandes tipos de relações de produção: o comunismo primitivo, a escravatura, o feudalismo o capitalismo e o socialismo. Este último conduz ao comunismo. A luta de classes é o resultado do aparecimento da propriedade privada e do declínio da sociedade de tipo comunitário, em proveito das sociedades escravagista e feudal.

Assim sendo, para ele o socialismo se mostra bastante dogmático, estando absolutamente relacionado com as políticas e instituições “socialistas”, que conduziram a esse modo de produção. “Os princípios do socialismo científico são imutáveis e implicam a socialização dos meios de produção e distribuição” (*ibid*, p. 28). Todos aqueles que se dizem socialistas e negam essa afirmativa estariam, para Nkrumah, estendendo a mão ao imperialismo e ao neocolonialismo, servindo ao interesse da burguesia. (*ibid*, p. 27):

A burguesia africana criou certos mitos desenvolvidos num contexto africano, que refletem bem a mentalidade burguesa africana.

---

que define épocas da história (ou sua caracterização teórica) de acordo com um modo dominante de produção e a revolução como a substituição de um modo de produção por outro [...], foi reafirmada por Stalin, como a interpretação correta da concepção materialista da história” (BOTTOMORE, 1988, p. 267).

A pretensa teoria da “negritude”<sup>13</sup> é disso o exemplo mais frequente. Essa pseudoteoria pretende conciliar a classe média africana, dominada por estrangeiros, com a ideologia burguesa francesa. Esta concepção contra-revolucionária, irracional e racista, imbuída dos valores ocidentais, reflete bem a confusão que reina no espírito de certos intelectuais africanos de expressão francesa: e faz, além disso, uma descrição errônea da sociedade africana.

O “socialismo africano” é uma outra concepção inconsequente e sem fundamentos, que pretende demonstrar a existência de uma forma de socialismo exclusivamente reservada à África e que se baseia nas estruturas comunitárias e igualitárias da sociedade africana tradicional.

O mito do socialismo africano é utilizado com o fim de negar a luta de classes e espalhar a confusão no espírito dos verdadeiros militantes socialistas.

Nyerere, por sua vez, refuta completamente esse tipo de interpretação, afirmando que ela seria uma “teologia do socialismo”, que interpreta os livros de intelectuais socialistas como se fossem livros sagrados. “Eu acho que essa ideia de que existe um ‘socialismo puro’ para o qual a receita já é conhecida é um insulto para a inteligência humana” (NYERERE, 1968, p. 77, t. n.), ele afirma. Os socialistas deveriam continuar pensando, e isso significa mais do que “descobrir o que qualquer dita Bíblia socialista ou Alcorão socialista realmente diz e significa. É necessário para aquele que se afirma socialista-científico ser mais científico!” (*ibid*, p. 77, t. n.). Dito isso, para ele o socialismo, apesar de comungar de alguns valores em comum que são globais, deveria ser aplicado de diferentes maneiras de acordo com os diferentes contextos.

O papel das políticas e instituições seria relativo, então, uma vez que é a atitude o que realmente define o socialismo. “Sem as atitudes corretas as instituições podem ser subvertidas de seu verdadeiro propósito” (*ibid*, p. 89, t. n.). Inclusive, Nyerere aproxima a existência de instituições socialistas “sem atitude” às políticas fascistas, afirmando que “se o povo não está envolvido na propriedade pública, e não pode controlar as políticas que se seguem a ela, a propriedade pública pode conduzir ao fascismo, não ao socialismo” (*ibid*, p. 89, t. n.).

---

<sup>13</sup> O movimento da *negritude* ao qual ele se refere teve como principal liderança no continente africano o já citado líder senegalês Léopold Senghor, e promoveu uma unidade cultural entre os negros da África e da diáspora. Uma análise mais aprofundada do conceito de “socialismo” empregado nele não é a proposta aqui presente. Entretanto, essa citação é demonstrativa da diversidade de “socialismos” que estavam sendo debatidos nesse contexto, não sendo um embate exclusivamente de Nyerere e Nkrumah.

Assim sendo, o socialismo não seria uma fórmula a ser seguida em sua teoria, mas sim uma atitude que pode variar de aplicação conforme cada realidade (*ibid*, p. 89, t. n.):

As instituições e organizações políticas através da qual a soberania do povo é expressa vai variar muito de um Estado para o outro, de um tempo para outro, assim como as instituições econômicas do socialismo variam. O meio mais apropriado vai depender de muitos fatores históricos e geográficos. Mas, em última análise, o socialismo só é possível se o povo como um todo estiver envolvido no governo de seus assuntos políticos e econômicos.

Fica então evidente que enquanto Nkrumah possui um modelo muito mais rígido e ortodoxo de socialismo em *Class Struggle in Africa*, Nyerere defende um socialismo muito mais flexível e adaptado a cada realidade em *Ujamaa – Essayson Socialism*.

Isso também fica claro na abordagem de Nyerere, que, contrariando a via ortodoxa, afirma que até 1967 a Tanzânia havia colocado ênfase demasiada nas indústrias. Para o desenvolvimento industrial, segundo ele, é necessário capital, e, portanto, um sistema capitalista. Assim, o país passou por seus primeiros anos pós independência recorrendo ao capital estrangeiro, para incrementar a vida nas áreas urbanas, onde implantava indústrias que não eram competitivas o suficiente no cenário internacional. Para pagar as dívidas que fazia nesse processo, ele recorria aos lucros da produção agrícola, visto que a maior parte da população vivia em áreas rurais cultivando terras férteis. Isso era um sistema completamente sem sentido, “a menos que nós acreditemos que sem primeiro construir o capitalismo, nós não podemos construir o socialismo” (*ibid*, p. 27, t. n.).

Sua crença, entretanto, era a de que “o desenvolvimento de um país é trazido por pessoas, não por dinheiro” (*ibid*, p. 28, t. n.), e, posto isso, a Tanzânia deveria focar no desenvolvimento agrícola, onde estava a maior parte das pessoas, e no qual se precisa apenas de “trabalho duro” e “inteligência” para produzir. Para tal, seu projeto era criar cooperativas rurais, ou *Ujamaa Villages*, onde a cooperação seria palavra de ordem (*ibid*, p.143, t. n.):

O que está sendo proposto aqui é que nós na Tanzânia devemos deixar de ser uma nação de camponeses produtores individuais que gradualmente adotam os incentivos e ética do sistema capitalista. No lugar, nós devemos gradualmente nos tornar uma nação de *Ujamaa Villages*, onde as pessoas cooperam diretamente em pequenos grupos e onde os pequenos grupos cooperam juntos para os empreendimentos necessários.

Assim, o foco das políticas do país deveria ser em prover condições para a população rural ser autossuficiente<sup>14</sup> e promover os valores socialistas para todos. O desenvolvimento viria naturalmente a partir daí.

Nkrumah, em contrapartida, até admite que “o mundo rural é o bastião da revolução socialista” (NKRUMAH, 1975, p.96), visto que “as massas camponesas constituem, de longe, o contingente mais vasto da classe trabalhadora” (*ibid*, p. 90). Entretanto, essa seriam massas “dispersas, desorganizadas, e geralmente não são revolucionárias” (*ibid*, p. 90). Portanto, “é indispensável que tomem consciência e que sejam enquadradas pelos seus aliados naturais: o proletariado e a *intelligentsia* revolucionária” (*ibid*, p. 90). Assim sendo, apesar do campesinato ocupar o papel relevante na revolução proposta por ele<sup>15</sup>, ela precisaria ser liderada, conforme o modelo ortodoxo de socialismo-científico, pelo proletariado urbano. Isso fica evidente também no modelo de desenvolvimento que ele propõe para se chegar a revolução: “há certos factores que fazem acelerar o processo da revolução socialista: o mais importante é o desenvolvimento capitalista e a industrialização, que, ao provocar o aumento da classe operária, favorece o aparecimento dos futuros dirigentes da revolução proletária” (*ibid*, p. 99). Ele, portanto,

---

<sup>14</sup> Se o socialismo é um apontamento filosófico já presente no discurso de Nyerere desde, pelo menos, 1962, pode-se afirmar que a “autossuficiência” é um segundo “pilar” de sua teoria política que só foi enunciado a partir de sua aproximação com a China em 1965. Ao promover uma economia de “autossuficiência” e igualdade social, a “China era claramente o modelo para administração nacional” (BJERK, p. 86, t. n.). Ao contrário de Mao Tsé-Tung, entretanto, “cuja abordagem se opunha à penetração e interdependência estrangeiras, Nyerere sentia que a Tanzânia era muito pequena e pobre para rejeitar contato com o exterior” (CROUCH, 1987, p. 3), de modo que permaneceu recebendo apoio de alguns países ocidentais, ainda que almejando uma economia “autossuficiente”. “Autossuficiência não é realmente contra algo ou alguém, a menos que existam pessoas que queiram nos recolonizar. Autossuficiência é uma posição afirmativa de que nós devemos depender sobretudo de nós mesmos para o desenvolvimento da Tanzânia, e que nós devemos utilizar os recursos que temos para esse propósito” (NYERERE, 1968, p. 149, t. n.).

<sup>15</sup> Apesar da teoria de Nkrumah nesse livro se inspirar claramente em diversos pontos no modelo *marxista-leninista* soviético, é importante destacar aqui que isso não era um alinhamento absoluto, e que em alguns pontos, como nessa definição do campesinato como “bastião da revolução” e na “guerra de guerrilha” que busca promover, sofre influências também do maoísmo chinês. Nesse sentido, Pons (2014) deixa claro que a mensagem maoísta exerceu forte influência sobre os movimentos comunistas não-ocidentais, uma vez que “era de todo modo a fonte originária de inspiração dos movimentos revolucionários não europeus: uma variante do modelo bolchevique igualmente disciplinada, mas menos elitista, adaptada às condições de guerrilha permanente em sociedade pré-moderna” (PONS, 2014, p. 428).

apesar de ver o campesinato como “bastião da revolução”, em momento algum se descola da leitura marxista-leninista que coloca o proletariado urbano, nascido do capitalismo, em sua liderança.

A visão dos dois sobre o socialismo se reflete também na própria abordagem de cada um quanto a questão da Unidade Africana, fundamental nos debates daquele contexto. Para Nkrumah, “o objetivo principal dos revolucionários do Mundo Negro deve ser a libertação e a unificação totais da África sob a direção de um governo pan-africano socialista” (*ibid*, p. 107). É fundamental aqui a compreensão de que para ele a revolução está completamente condicionada a formação desse governo unificado no continente, sob um “socialismo” que seria único. Essa unidade “fará triunfar a revolução socialista internacional e contribuirá para encaminhar o mundo para o comunismo” (*ibid*, p. 107), seguindo uma retórica de que a unificação e o socialismo em África seriam apenas uma das etapas para uma revolução global.

Já no caso de Nyerere isso aparece de maneira mais sutil. “Foi na luta para quebrar o controle do colonialismo que aprendemos a necessidade da unidade” (NYERERE, 1968, p. 12, t. n.), ele afirma. “Nosso reconhecimento da família a qual pertencemos deve ser estendida ainda mais – além da tribo, da comunidade, da nação, ou até do continente – abraçando toda a humanidade” (*ibid*, p. 12, t. n.). Em sua *Arusha Declaration* ele coloca como pontos a serem seguidos “cooperar com todos os partidos políticos na África engajados na libertação de todo o continente” (*ibid*, p. 14, t. n.), e “cooperar com outros estados da África para promover a Unidade Africana” (*ibid*, p. 15, t. n.). Entretanto, como percebe-se, isso se coloca principalmente como um apontamento a ser seguido e uma solidariedade a ser prestada, e não como uma política a ser estabelecida imediatamente. Nyerere não afirma em momento algum a necessidade da criação de um “governo pan-africano socialista” para que sua revolução se realizasse, tal como Nkrumah, e, ao contrário, defende a existência de diferentes caminhos para a chegada desse socialismo em diferentes países.

A questão racial é outro ponto essencial em que esses dois políticos discordam frontalmente. No discurso de Nyerere intitulado “Socialismo não é Racialismo” (*ibid*, p. 38, t. n.) ele afirma que o “socialismo não é para o benefício de homens negros, homens marrons, homens brancos ou homens amarelos. A proposta do socialismo é servir aos homens, independentemente da cor, tamanho, forma, habilidade, ou qualquer outra coisa” (*ibid*, p. 38,

t. n.). “O homem ou mulher que detesta ‘judeus’, ou ‘asiáticos’, ou ‘europeus’ ou até mesmo ‘europeus ocidentais e americanos’ não é um socialista. Ele está tentando dividir a humanidade em grupos e está julgando homens de acordo com sua cor da pele. [...] Sem se aceitar a igualdade humana não pode haver socialismo” (*ibid*, p. 39, t. n.). Ou seja, ele está negando qualquer relação entre a questão racial e o socialismo, que deveria justamente promover a igualdade entre todos os homens, independentemente de suas características.

Nkrumah, por outro lado, relaciona diretamente a questão racial ao socialismo, uma vez que “na África, os estreitos laços entre os problemas sociais e raciais nasceram da exploração capitalista” (NKRUMAH, 1975, p. 29). Assim sendo, para ele, “a cor serve para avaliar o lugar ocupado na hierarquia social” (*ibid*, p. 29) e “o problema racial é simultaneamente um problema de classes” (*ibid*, p. 30). Portanto, a solução do problema seria a abolição do capitalismo, do colonialismo e do neocolonialismo, instaurando-se o comunismo que poderia “estabelecer as condições para a eliminação definitiva do problema racial” (*ibid*, p. 32). Sua posição, portanto, submete a questão racial ao socialismo, de modo que a revolução na África seria uma revolução do “mundo negro”. Enquanto Nyerere possui uma posição que busca agregar a todos, afirmando que nem mesmo os capitalistas devem ser vistos como “demônios” pelos socialistas, Nkrumah se propõe a planejar uma união de todos os negros em favor do socialismo na África e contra o “outro” branco. Essa é uma retórica que muito condiz às suas demais falas, onde o conflito se mostra essencial à revolução socialista.

Portanto, o que se percebe na análise desses livros é que o conceito de “socialismo” caminha em direções opostas. Enquanto Nyerere, buscando consolidar seu projeto socialista na Tanzânia, teoriza uma via que parte da realidade do país e que busca agregar todas as populações em torno do desenvolvimento rural e de valores socialistas; Nkrumah, respondendo ao “neocolonialismo” que havia lhe tirado do poder, teoriza uma revolução que nasce do conflito e que deve promover a violência para fundar um “governo pan-africano socialista” que unifique todo o continente.

#### **4) Considerações Finais**

Julius Nyerere e Kwame Nkrumah caminhavam em direções opostas no final da década de 1960, quando foram publicados *Ujamaa – Essayson Socialism* e *Class Struggle in Africa*. O primeiro se via em meio as expectativas criadas pela sua *Arusha Declaration*,

que promovia uma verdadeira revolução nas estruturas da Tanzânia. Impulsionando um modelo de desenvolvimento inovador, que colocava as populações rurais no protagonismo, ele levava em conta o passado tradicional e prometia promover a igualdade social e a autossuficiência no país, se mantendo alheio aos conflitos da *Guerra Fria*. Nkrumah, ao contrário, se via reagindo às experiências que o haviam levado ao exílio. Após tornar-se um dos mais influentes líderes políticos africanos, viu autoridades externas conspirarem com opositores para lhe tirar do poder justamente quando tentava estabelecer a construção do socialismo em seu país.

Assim sendo, é natural que o conceito de “socialismo” seja mobilizado também em direções opostas por ambos. Nyerere, motivado pelo seu contexto de publicação, utilizou seu livro para divulgar um socialismo que precisava, sobretudo, atingir a “atitude de espírito” e agregar a população tanzaniana em torno de seu projeto. Nkrumah, por outro lado, utilizou seu livro para promover uma revolução baseada no conflito de classes, apelando à solidariedade de todo o proletariado para combater os “inimigos burgueses” que exploravam o continente africano através de instituições “neocoloniais”. Os dois eram atores históricos agindo e reagindo ao contexto no qual estavam inseridos.

Dito isso, por um viés da história do pensamento político é evidente que não se pode então falar de um conceito de “socialismo” na África, mas sim de “socialismos”, visto que esse conceito vai ter múltiplas aplicações, realizadas por múltiplos agentes políticos, em múltiplos contextos históricos. O esforço aqui realizado deu conta de apreender apenas um desses momentos do “socialismo”, que é o embate intelectual de Nyerere e Nkrumah no final da década de 1960. Esse mesmo embate, observado em contextos históricos distintos, certamente apresentaria resultados muito diferentes. Caso se agregassem outros políticos africanos na reflexão, seguramente novas perspectivas ainda seriam adicionadas.

Portanto, o presente artigo, por um lado, apresentou alguns avanços fundamentais no estudo do conceito de “socialismo” na África pós-colonial: analisando a teoria de dois de seus principais teóricos em um momento específico, demonstrou os elementos que cada um mobilizava na formulação de seu pensamento em contraste com o contexto no qual estava inserido, de forma a observar suas ideias de maneira histórica. Por outro lado, reconhece-se aqui suas limitações: o artigo não dá conta de apreender como um todo o estudo desse conceito, uma vez que apenas a partir de diversas iniciativas como essa, que agreguem diferentes contextos

e diferentes agentes políticos, é que se poderá de fato compreender toda a complexidade do conceito de “socialismo” no período da África pós-colonial.

## REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Inglaterra: Oxford University Press, 1962.

BINEY, Ama. **The political and social thought of Kwame Nkrumah**. USA: Palgrave Macmillan, 2011.

BIRMINGHAM, David. **Kwame Nkrumah, The Father of African Nationalism** – Revised Edition. USA: Ohio University Press, 1998.

BJERK, Paul. **Julius Nyerere**. USA: Ohio University Press, 2017.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

CROUCH, Susan. **Western responses to Tanzanian Socialism, 1967-83**. Inglaterra: Athanaeum Press Limited, 1987.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

GRAÇA, Pedro. **A construção da nação em África (ambivalência cultural de Moçambique)**. Coimbra: Edições Almedina, 2005.

JASMIN, M; JÚNIOR, J. *História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual*. In: JASMIN, M; JÚNIOR, J. **História dos Conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, R. *Uma resposta aos comentários sobre o Geschichtliche Grundbegriffe*. In: JASMIN, M; JÚNIOR, J. **História dos Conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

MWAKIKAGILE, Godfrey. **Western involvement in Nkrumah’s Downfall**. Dar Es Salaam: New Africa Press, 2015.

NKRUMAH, Kwame. **A Luta de Classes em África**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1975.

NYERERE, Julius. **Ujamaa – Essays on Socialism**. Dar Es Salaam: Oxford University Press, 1968.

POCOCK, J. *Conceitos e discursos: uma diferença cultural? – Comentários sobre o paper de Melvin Richter*. In: JASMIN, M; JÚNIOR, J. **História dos Conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

PONS, Silvío. **A Revolução Global – História do comunismo internacional, 1917-1991**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

WINGO, Ajumee. *Philosophical Perspectives on the history of Africa Socialism*. In: **Oxford Research Encyclopedia of African History**, USA: feb. 2018.

Recebido em: 26/08/2019

Aprovado em 02/11/2019

